

***Valoração de modelo paisagístico com espécies nativas em área urbana:  
subsídios para a conservação da natureza e educação ambiental***

Prof. Dr. Josafá Carlos de Siqueira SJ  
Programa de Mestrado em Geografia  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)  
Rua Marquês de São Vicente, 225  
22453-900 – Rio de Janeiro - Brasil  
josafa@puc-rio.br

Geogr. Gabriel Spinola Garcia Távora  
gabriel\_spinola@hotmail.com

***Resumo***

O presente trabalho é uma discussão que envolve a temática da valoração de modelos de paisagismos ecossistêmicos com espécies nativas, tendo como objetivo a compreensão destes modelos e o processo de agregação de valores ao espaço urbano, contribuindo para a conservação da natureza e as atividades de educação ambiental. O espaço urbano escolhido para a pesquisa e análise foi a área arborizada do Shopping Downtown, localizado na Barra da Tijuca, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. O motivo da escolha se deve ao modelo singular de paisagismo com espécies nativas dos ecossistemas brasileiros, implantado no local há cerca de 12 anos. Os autores discutem os processos de transformação da paisagem, a elaboração e valoração dos modelos de paisagismos ecossistêmicos, e finalmente, a agregação de valores éticos relacionados com o conhecimento do espaço, adaptabilidade, interação com a biodiversidade, estética, marketing, entre outros. Estes valores estão relacionados com as diferentes espécies nativas que integram o modelo de paisagismo ecossistêmico.

Palavras-chave: valoração ambiental, paisagismo ecossistêmico, espécies nativas.

***Abstract***

This paper discusses valuation of ecosystem landscape models with native species, aiming to understand these models and the process of adding value to the urban space, contributing as well to the conservation of nature and environmental education activities. The urban area chosen for the research and analysis was the garden of the Downtown Mall, located in Barra da Tijuca, west of the city of Rio de Janeiro. The reason for the choice model is due to natural landscaping with native species of Brazilian ecosystems. Authors discuss the processes of landscape transformation, valuation of ecosystem landscape models, and the aggregation of ethical values related to the knowledge of space, adaptability, interaction with biodiversity, aesthetics, marketing, among others. These values are related to different native species that comprise the landscape ecosystem model.

Key words: environmental valuation, landscape ecosystem, native species

## **Introdução**

A temática envolvendo a valoração de modelos de paisagismos ecossistêmicos é considerada relativamente nova, pois a mesma está relacionada com as mudanças de paradigmas no processo de arborização e a importância desses modelos nos dias atuais, sobretudo com o aumento progressivo da conscientização ambiental e a necessidade em desenvolver atividades de educação ambiental no espaço urbano.

O desenvolvimento dos projetos de paisagismo ecossistêmico, de um modo geral, está relacionado com as mudanças que ocorreram nas relações do homem com a natureza ao longo da história. Podemos identificar dois momentos bem definidos desta complexa relação. O primeiro momento está relacionado com as sociedades primitivas ou tradicionais, que percebiam a natureza como uma entidade mística, ou seja, cada fenômeno natural era visto como a expressão de um deus ou manifestação de um espírito. Num segundo momento, a natureza começou a ser percebida e vista como um recurso que estava à disposição do homem para a satisfação de suas necessidades. Nesta perspectiva é que autores como Santana (1999), afirmam que o homem vê a natureza como “bens livres”, ou seja, o homem percebe a natureza como um recurso infinito do qual ele deve usufruir para continuar a movimentar as engrenagens do sistema socioeconômico vigente. Esta visão utilitarista da natureza tem suas origens junto com a formação das primeiras cidades, durante o período da primeira revolução industrial<sup>1</sup>, predominando no imaginário coletivo até meados da década de 1970, sendo posteriormente criticada pelo surgimento dos movimentos ecológicos, sobretudo àqueles que apresentam novos paradigmas nas relações homem-natureza. Não podemos esquecer que é durante o período da primeira revolução industrial, que se tem a percepção da relação campo x cidade, natureza x sociedade como antíteses de um mesmo processo, onde campo/natureza era considerado atrasado e rústico, enquanto que a cidade/sociedade simbolizava o que havia de mais moderno.

Segundo Pellegrino (2000), durante muito tempo a visão que se tinha da relação campo x cidade era que a cidade começava onde a natureza acabava como se houvesse delimitações que determinassem até onde iria a paisagem cultural e natural. Para Harvey (1996, apud OLIVEIRA, 2006), as leis da natureza não submetem as sociedades

---

<sup>1</sup> A primeira Revolução industrial aconteceu na Inglaterra na segunda metade do século XVIII e marcou o fim da transição do feudalismo para capitalismo.

humanas como se fossem simples objetos, mas, ao contrário, as sociedades humanas é que agem como sujeitos que transformam e as incorporam nas suas relações. A partir desta percepção, de ser agente capaz de transformar a natureza, trazendo-a para mais próximo das relações sociais, é que o homem desenvolveu os primeiros projetos de paisagismo e arborização do espaço urbano.

Esses primeiros projetos começaram a ser pensados e elaborados no período após primeira revolução industrial, pois havia uma necessidade de melhorar as condições de vida nas cidades e de proporcionar um lugar de encontro para a massa de trabalhadores fabris (Cardoso, 2007).

Mais tarde, com o crescimento da consciência ambiental na sociedade e a valorização dos ecossistemas nativos, tanto daqueles que circundam as áreas urbanizadas das cidades, como também dos fragmentos ainda existentes no espaço urbano, é que começaram a surgir os primeiros projetos de paisagismos ecossistêmicos, priorizando a introdução de espécies nativas nos espaços transformados e reterritorializados.

Tendo em vista que estes novos modelos de paisagismos ecossistêmicos serão referenciais importantes para a integração do homem urbano com a natureza, faz-se necessário um processo de valoração que possa agregar valores éticos, tanto ao espaço geográfico paisagisticamente transformado, como nas relações das pessoas com as espécies que integram a área de convivência, lazer e trabalho. Estes são os objetivos principais do presente trabalho.

### ***Metodologia***

Para analisar e avaliar os processos de valoração em modelos de paisagismo ecossistêmico, escolhemos como área de estudo o espaço re-urbanizado do Shopping Downtown, localizada no bairro da Barra da Tijuca, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. No referido local foi executado, a cerca de 12 anos, um projeto de paisagismo ecossistêmico, com a introdução de espécies nativas procedentes dos biomas Mata Atlântica, Floresta Amazônica, Restinga, entre outros.

Além do levantamento botânico das espécies plantadas no local, foram realizadas várias visitas nas ruas e praças que integram os diferentes blocos edificados, com

objetivos de analisar a adaptabilidade das espécies, os ciclos de floração, a relação das espécies com a fauna e com as pessoas que trabalham e circulam comercialmente naquele espaço.

Com a posse dos dados e observações de campo, e o auxílio de referências bibliográficas sobre a temática, elaboramos uma reflexão sobre os processos de transformação da paisagem e os mecanismos de agregação de valores ao modelo de paisagismo ecossistêmico existente no local.

### ***Os processos de transformação da paisagem***

Como já mencionamos anteriormente, à relação sociedade-natureza vem se modificando ao longo do processo histórico, sendo que a alteração da mesma é que contribui para os processos transformação da paisagem. Isto só foi possível no momento em que o homem percebeu a sua capacidade de modificar o espaço ao seu redor, tornando o mesmo condicionante de suas ações e transformando-o em meio de produto e satisfação de suas necessidades.

Para entendermos este espaço transformado pelas ações antrópicas utilizaremos, como base teórica, as reflexões propostas por Haesbaert (2004) sobre os processos de desterritorialização e reterritorialização, conceitos que nos ajudam na compreensão da transformação da paisagem. Por se tratar de paisagem, faz-se necessário recordarmos a definição de paisagem compreendida por alguns geógrafos como Milton Santos, Bertrand e Cosgrove.

Segundo Santos (1996), podemos definir a paisagem como: "*... um conjunto de formas, que num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza.*".

Já Bertrand (1968, apud SALGUEIRO, 2001) entende-se a paisagem como resultado dinâmico de interações de elementos físicos, abióticos, biológicos e antrópicos, numa certa porção do espaço que irão reagir de forma dialética uns com os outros, fazendo assim da paisagem um conjunto único e indissociável que evolui em bloco.

Na perspectiva da Geografia das Representações, como é o caso de Cosgrove (1984, apud SALGUEIRO, 2001), existe uma base mais existencialista e

fenomenológica, pois a paisagem seria “*o mundo exterior mediatizado pela experiência subjetiva dos homens, portanto um modo de ver o mundo*”.

Além dos autores acima citados, a paisagem pode ser também entendida como sendo as marcas percebidas pelos sentidos humanos, frutos da interação de relações pretéritas entre sociedade-natureza, cuja influência é percebida e sentida nas ações do homem com o espaço. Além disso, os fatores da subjetividade humana, juntamente com o objeto que se pretende focar em questão, é que terão forte influência na paisagem observada.

Estas marcas que hoje dão forma a paisagem, são importante meio para que possamos compreender a questão da territorialização e desterritorialização, já que as mesmas são frutos destes processos.

Para fazermos uma análise de como os processos de territorialização contribuem para transformação do espaço e, conseqüentemente para transformação da paisagem, teremos que entender o que é território e como ele se constitui. Haesbaert (2004) nos mostra que o território antes de tudo é uma relação de poder, onde um indivíduo ou grupo atua em um determinado espaço. Esta relação de poder se dá tanto na maneira mais concreta, que seria de dominação, como também no sentido mais simbólico, ou seja, na forma de apropriação. As transformações que ocorrerão nesse espaço dependerão da maneira como o indivíduo ou grupo se relacionam com o espaço dominado/apropriado.

Além do conceito de territorialização, temos também outros conceitos, tratados por Haesbaert (2004), como o de desterritorialização e reterritorialização, que contribuem para a compreensão dos processos de transformação da paisagem. Siqueira (2005) afirma que os estes conceitos são hoje fundamentais para a biogeografia urbana, pois não bastam apenas os estudos da geologia, da climatologia, da taxonomia, a ecologia e tantas outras ciências que auxiliam na compreensão dos padrões de distribuição geográfica dos seres vivos no espaço geográfico. Porém, é necessário entendermos as relações ecossistêmicas, onde espaço natural está em interação com o espaço geográfico das transformações culturais. Segundo o autor, os processos de desterritorialização e reterritorialização influenciam na composição da paisagem a saber:

O processo de desterritorialização nos ajuda a compreender as transformações da paisagem e dos ecossistemas, bem como suas conseqüências na configuração dos padrões de distribuição geográfico dos seres vivos. A reterritorialização oferece elementos importantes para compreensão das rotas migratórias das plantas e animais condicionadas por fatores antrópicos, além do processo de reconstrução da paisagem com espécies exóticas e nativas e outros aspectos com a biologia da conservação em espaços urbanizados. (p.232)

### ***Do surgimento do paisagismo clássico até a elaboração dos modelos de paisagismos ecossistêmicos***

Depois desta breve reflexão sobre a transformação da paisagem, passaremos a tratar da questão do paisagismo, pois ele é um dos elementos positivo ou negativo do espaço desterritorializado e reterritorializado, e, sobretudo, na medida em que a sociedade se torna cada vez mais urbana, desalojando geograficamente os ecossistemas nativos e agregando novos seres vivos no espaço planejado.

Não resta dúvida de que os projetos de paisagismos foram se desenvolvendo historicamente, passando de modelos aleatórios até alcançar os modelos planejados e adaptados às condições climáticas do território transformado. Os modelos planejados de arborização no espaço urbano tiveram início com a primeira revolução industrial, cujo objetivo era melhorar a condição de vida nas cidades.

Neste período, as cidades no período se encontravam numa situação complexa, onde o fluxo migratório era intenso e as condições de salubridades mínimas, sobretudo pelas instalações das fábricas que não tinham o menor controle na emissão de seus poluentes e dejetos. Os parques urbanos surgiram com a intenção de serem lugares arborizados onde o ar fosse mais limpo, e, por conseguinte, produzissem uma condição mais amena para esta população que trabalhava nas fábricas e que não tinha condição de deslocar para o campo ou lugares mais distantes em função do lazer. Tais parques passaram a ser percebidos como locais prazerosos, permitido um contato do homem com a natureza, pois a mesma se tornava cada vez mais distante da cultura citadina.

A partir deste período é que foram surgindo os primeiros parques urbanos e, juntamente com eles, foram se desenvolvendo os trabalhos de arborização e paisagismos.

Segundo Pellegrino (2000), para definir um projeto paisagístico, é necessário situá-lo no limiar do conflito. Conflito entre campo e cidade, entre o interior e o exterior dos edifícios, entre o social e o natural, pois isto é o que determina o caráter sintético e formal (estético).

Os primeiros projetos de paisagismo não se preocupavam muito com o aspecto ecossistêmico, pois a abordagem estava mais voltada para um trabalho estético ou de aprazimento da condição de vida, sem levar em conta o caráter nativo ou exótico das espécies. O fator mais importante era a introdução de plantas que melhor se adaptassem ao espaço urbano, independente de suas origens e vinculações ecossistêmicas. É verdade que historicamente este modelo privilegiou mais as espécies exóticas, já adaptadas em outras regiões do globo. Este modelo é marcado por um paisagismo de características mais européias de se planejar, onde as formas eram mais rígidas e sem muita preocupação em aproveitar as espécies nativas dos diferentes ecossistemas da região.

Posteriormente começou se a pensar num trabalho de paisagismo mais relacionado com espécies oriundas das faixas tropicais ou nativas dos ecossistemas relacionados com o território nacional, como é o caso de Burle Marx, este grande paisagista brasileiro, que buscava em seus projetos uma integração das formas que ele criava com a natureza. Com ele se inicia no Brasil um novo modelo de paisagismo que década de 1970 começou a se chamar de paisagismo ecossistêmico. Com o crescimento da consciência ambiental, a melhoria significativa das leis ambientais e a importância da preservação das espécies em áreas urbanas, este novo modelo foi se configurando, passando a ser apreciado e adotado por muitos outros paisagistas, tanto em ambientes públicos como privados.

O modelo de paisagismo ecossistêmico pode ser definido como uma atividade planejada que procura priorizar a introdução espécies nativas dos biomas ou ecossistemas dentro do espaço urbano, visando uma maior integração das pessoas com a natureza e proporcionando às atividades de educação ambiental na cidade.

### ***Valoração ambiental dos modelos ecossistêmicos***

Abordaremos, a seguir, à valoração desses modelos paisagísticos ecossistêmicos, uma vez que os mesmos são hoje paradigmas para um planejamento urbano ecologicamente correto. Contudo, antes de tratarmos diretamente da valoração ambiental desses modelos, é necessário mostrar a importância atual já chamada “valoração ambiental”.

Mota (2006), afirma que “o papel da valoração funciona como uma ferramenta de decisão de políticas públicas ambientais, envolvendo um conjunto de métodos úteis para mensurar os benefícios proporcionados pelos ativos naturais e ambientais, os quais se referem aos fluxos de bens e serviços oferecidos pela natureza às atividades econômicas e humanas”.

Nesta perspectiva, o paisagismo ecossistêmico constitui uma ferramenta importante de políticas ambientais que proporciona ativos naturais e éticos, gerando bens e serviços econômicos, sociais, educativos e ecológicos no espaço geográfico onde essa atividade se desenvolve. Além desses bens e serviços, não podemos esquecer que o marketing ecológico sobre o verde, construído com critérios científicos e ecossistêmicos, proporciona uma agregação de valores, sobretudo no que se refere à educação ambiental.

Do ponto de vista da ética a valoração ambiental, pode ser entendida em nossa sociedade, a partir dos dois tipos de racionalidades propostos por Gómez-Heraz (1997, apud SIQUEIRA, 2002), que são a racionalidade técnico-operacional ou instrumental e a racionalidade axiológica ou de valores.

A racionalidade técnico-operacional ou instrumental está mais voltada para uma visão utilitarista, buscando sempre soluções práticas e imediatas e com viés economicista. Este tipo racionalidade pode ser percebido em diversos trabalhos que tem como foco principal a valoração econômica da natureza. Na perspectiva da valoração da natureza abordada por Mota (2006), esta racionalidade instrumental influencia na questão da valoração, como se observa na seguinte afirmação do autor:

A valoração econômica é composta por técnicas. No contexto desta tese, significa mensuração da disposição a pagar de um

conjunto de pessoas, em decorrência do usufruto de um ativo/serviço ambiental, conceito esse que reflete as preferências individuais das pessoas no consumo de bens /serviços naturais (p. 142).

Nesta citação percebe-se claramente a utilização da racionalidade técnico-operacional, pois, para o autor supracitado, a natureza é vista também como um bem que está a serviço da sociedade. Na concepção de Santana (1999), a valoração ambiental que está ligada à racionalidade instrumental, pois vê a natureza como uma “mercadoria verde”, agregando a natureza tanto valores de uso como de troca. Na perspectiva da ética ambiental, este enfoque valorativo não deve ter uma abordagem utilitarista e antropocêntrica, esquecendo outras dimensões axiológicas existentes na natureza. Em se tratando de paisagismo, o perigo unilateral desse enfoque utilitarista consiste nas concepções imediatistas no planejamento urbano e ambiental, experiência que influenciou durante muitos anos o modo de se pensar o espaço nas cidades, priorizando a utilização de espécies de crescimento rápido, na maioria das vezes plantas exóticas, na arborização de vias públicas e praças.

A outra racionalidade que Gómez-Heraz (1997, apud SIQUEIRA, 2002) menciona é a racionalidade axiológica ou de valores. Esta racionalidade tem como enfoque a priorização de aspectos valorativos e qualitativos. Além disso, esta racionalidade tem uma visão transcendente e holística do meio ambiente, buscando sempre a integração entre a sociedade, a natureza e a espiritualidade.

A valoração ambiental, com base na racionalidade axiológica, agrega valores que vão além da simples concepção de natureza como recurso, pois se valorizam as criações artísticas que estão relacionadas com o meio ambiente, os aspectos estéticos e o conhecimento de comunidades tradicionais que consideram a natureza não como objeto, mas como sujeito de valores. Assim, a racionalidade axiológica pode agregar valores à natureza, os quais, não necessariamente vão nos remeter aos valores de uso ou de troca.

Hoje, contudo, percebemos que a primeira racionalidade está se sobrepondo em relação à segunda, ou seja, estamos vivenciando um momento em nossa sociedade, onde a racionalidade instrumental está sendo priorizada. Esta primazia da racionalidade

instrumental em detrimento a racionalidade axiológica está ligada a uma visão mercadológica e utilitarista da sociedade capitalista (Siqueira, 2004).

A consequência do desequilíbrio entre estas duas racionalidades aparece na predominância da visão utilitarista nas discussões relacionadas com a temática da valoração ambiental. Esta visão revela a pouca preocupação que a muitos setores da sociedade ainda tem em relação à natureza, mesmo quando o discurso utilizado tem um enfoque preservacionista.

Neste sentido, a valoração ambiental, que poderia contribuir para manutenção da natureza, agregando outros valores, acaba se transformando num instrumento do capital para garantir a sua reprodução. Ao invés de buscarmos uma valoração com finalidades mais éticas, valorizando a natureza pelo que ela representa, com seus atributos éticos, históricos e culturais, a postura é justamente o contrário. Contudo nem todos os trabalhos relacionados com a valoração ambiental têm um enfoque voltado unicamente para a racionalidade quantitativa, mas, ao contrário, alguns procuram um equilíbrio entre a dimensão econômica e axiológica da natureza.

O desenvolvimento dos modelos atuais de paisagismo ecossistêmicos é um exemplo disto, uma vez que neste tipo de atividade planejada têm procurado mostrar a importância das espécies nativas dos biomas e ecossistemas brasileiros no espaço urbano, além de outros aspectos relacionados com a educação ambiental, os valores estéticos, a originalidade, a ecocriatividade e a integração entre homem e natureza.

### ***Agregação de valores aos modelos de paisagismo ecossistêmico***

Nesta última abordagem trataremos da agregação de valores que podem ser atribuídos ao espaço do Shopping Downtown, área que procuramos analisar em nossas atividades de campo, pois se trata de um modelo de paisagismo ecossistêmico.

Certamente, no processo de elaboração do paisagismo ecossistêmico os arquitetos, biólogos e projetistas provavelmente não têm inicialmente a real noção dos valores que este tipo de paisagismo agrega ao espaço projetado. Talvez a preocupação maior consiste em visibilizar esteticamente no espaço reterritorializado as representações biológicas que integram os biomas ou ecossistemas nativos. No entanto, mais tarde outros olhares científicos percebem no espaço transformado e reconfigurado,

outros valores que transcendem aqueles que objetivamente foram pensados e construídos.

O processo de agregação de valores é importante pelo seu aspecto educativo, despertando nas pessoas que utilizam aquele espaço reterritorializado outras perspectivas, modificando o modo de ver o local e à maneira de se relacionar com o este espaço transformado.

Com relação à área estudada, o levantamento taxonômico revela um predomínio de espécies da Mata Atlântica, da Floresta Amazônica e das Restingas. A diversidade de espécies nativas nos permitiu elaborar o processo de agregação de valores, servindo assim de subsídios para os lojistas, os compradores, os usuários e demais transeuntes, sobretudo no que se refere à educação ambiental, o marketing ecológico, a preservação ambiental, a originalidade paisagística, entre outras. Descreveremos, a seguir, os valores agregados a este modelo de paisagismo ecossistêmico:

1. Valor do conhecimento do espaço: É o valor que as espécies utilizadas no paisagismo ecossistêmico agregam ao espaço, a partir do momento em que elas são representações dos biomas ou ecossistemas nativos do Brasil. Este valor está relacionado com a capacidade criativa e original em trazer para o espaço transformado as plantas que fazem parte de nossa identidade territorial, cultural e ambiental. Desta forma, as pessoas têm a oportunidade de conhecer melhor a diversidade biológica do país ou da região, como também de familiarizar com algumas espécies que anteriormente ocupavam a área que agora se encontra transformada e reterritorializada. Como exemplo podemos citar: Pau – ferro (*Caesalpinia ferrea* Mart. ex Tul.) da mata atlântica, Munguba (*Pachira aquatica* Aubl.) da floresta amazônica, Saboneteira (*Sapindus saponaria* L.) das florestas semidecíduas etc.

2. Valor de adaptabilidade e representatividade: É o valor que certas espécies agregam ao espaço antropicamente modificado, conservando um grau razoável de adaptabilidade. Algumas dessas espécies são representativas dos ecossistemas anteriormente existentes no local. No caso do Shopping Downtown, a área foi no passado era ocupada pela restinga e manguezal. A presença dessas espécies representa uma forma de visibilizar modestamente o resgate ambiental de um espaço que foi ecologicamente

desterritorializado. O grau de adaptabilidade, crescimento, floração e frutificação de espécies de restinga como a aroeirinha (*Schinus terebinthifolia* Raddi), o landim (*Callophyllum brasiliensis* Camb.) e uva-do-mar (*Coccoloba sp*) são exemplos que ilustram o enunciado.

**3. Valor interativo da biodiversidade:** Além da capacidade de adaptabilidade, outro valor que o modelo de paisagismo ecossistêmico pode agregar ao espaço é a interação com a fauna. Esse valor é importante nos dias atuais, pois com a destruição dos ambientes naturais, biomas e ecossistemas, vêm ocorrendo uma presença maior da fauna em áreas urbanas. Daí a importância destas espécies nativas como fonte de alimento, abrigo e nidificação. Na área estudada observamos uma forte relação da avifauna e de mamíferos voadores com algumas espécies de plantas. Dos pássaros, com *Schinus terebinthifolia* Raddi (aroeirinha), *Licania tomentosa* (Benth.)Fritsc.(oiti), *Couroupita guianensis* Aubl. (abricó-de-macaco), e dos morcegos, com *Callophyllum brasiliensis* Camb. (landim) e *Pseudobombax grandiflorum* (Cav.)A.Robyns (imbiruçu).

**4. Valor simbólico-histórico:** Este valor está relacionado com os símbolos que os elementos da natureza carregam, e que contribuem na consolidação da identidade civil e cultural de um grupo nacional, ao longo do processo histórico de formação de uma nação (Junges 2004). Na área de estudo este valor é visibilizado nos blocos onde foram plantados vários exemplares do pau-brasil (*Caesalpinia echinata* Lam.) Esta espécie carrega uma marca simbólica e histórica de grande importância cultural e ambiental para o Brasil, sendo hoje considerada uma espécie ameaçada de extinção. Ao que parece, os lojistas ainda não perceberam a importância de existir, em frente de seus estabelecimentos comerciais, uma espécie com um valor simbólico e histórico de tamanho significado, que pode ser também agregado ao marketing ecológico.

**5. Valor da existência:** Segundo Barret (1998), é o valor ético das pessoas em relação à natureza. É o valor atribuído pelas pessoas através de estudos e ações em defesas de um determinado ecossistema ou espécie. É o respeito para com os seres vivos, percebendo que cada um exerce uma função necessária para o equilíbrio ambiental. É a responsabilidade em deixar para as gerações futuras estes patrimônios ecossistêmicos.

Na área estudada percebe-se que existe um cuidado especial com as espécies que foram ali plantadas. Existe também uma abertura, por parte da administração do Shopping, para as atividades de educação ambiental envolvendo escolas e universidades.

**6. Valor estético-ecológico:** É o valor que as belezas naturais agregam ao espaço. O valor estético colabora para a qualidade de vida humana, pois a contemplação das belezas naturais ajuda no desenvolvimento do caráter do ser humano (Junges 2004). No caso da área estudada, esse valor se manifesta, sobretudo, nos períodos de floração e frutificação das espécies, causando uma atitude de admiração e contemplação nas pessoas que circulam naquele espaço. O impacto nas pessoas é maior no período de floração das diversas espécies existentes na área como os ipês (*Tabebuia spp*), o abricó-de-macaco (*Couroupita guianensis* Aubl.), a sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides* Benth.), o pau-de-sangue (*Pterocarpus violaceus* Vogel), o resedá-gigante (*Lagetroemia speciosa* Pers.) entre outras.

**7. Valor de marketing:** Este valor está relacionado com marketing ecológico, que tem como característica de apropriação da natureza para fins comerciais, agregando às marcas ou grifes, os símbolos da natureza que são apreciados pela sociedade. Na área estudada percebemos que ainda não existe um marketing ecológico, por parte dos lojistas, feito a partir das espécies existentes no local.

### **Considerações Finais**

O processo de agregação de valores pode ser aplicado em áreas urbanas onde o fenômeno da desterritorialização dos fragmentos ecossistêmicos é substituído pela chamada reterritorialização do espaço geográfico, onde muitos aspectos devem ser considerados, entre eles, os modelos paisagísticos denominados ecossistêmicos. Entendemos que estes modelos, construídos com as espécies vegetais nativas, oriundas de biomas e ecossistemas brasileiros, podem agregar inúmeros valores ao espaço, seja ele público ou privado.

A experiência nos mostra que estes valores agregados podem ser utilizados para fins educacionais, comerciais e, por sua vez, como um instrumento de conscientização no processo de conservação da natureza.

Não resta dúvida que a área do Shopping Downtown, por ser um empreendimento construído em espaços abertos, e, portanto, diferente de outros estabelecimentos comerciais existentes no Brasil e no Rio de Janeiro, oferece um laboratório vivo para as atividades de educação ambiental. Seu modelo paisagístico constitui um instrumento didaticamente importante e acessível para tais atividades, envolvendo lojistas, trabalhadores, compradores, escolas, universidades e demais transeuntes que circulam naquela área.

No presente trabalho, procuramos mostrar que a integração do homem com a natureza no espaço urbano, pensada através de modelos paisagísticos ecossistêmicos, deve ser construída a partir do equilíbrio entre a racionalidade quantitativa e a racionalidade qualitativa. A agregação de valores relacionados com a natureza não pode ser vista apenas dentro de uma perspectiva comercial, econômica e de marketing ecológico, mas, também, a partir de valores éticos, estéticos, contemplativos e educativos.

O processo de agregação de valores só é possível quando somos capazes de ter um olhar integrado sobre o espaço geográfico transformado, reconfigurado e reterritorializado, onde as relações sociais estão profundamente unidas com as representações biológicas de uma natureza que faz parte da identidade cultural e ambiental de um povo. O paisagismo ecossistêmico é um grande aliado desta cosmovisão. Ele foi, sem dúvida, o grande veio norteador e motivador que contribuiu para que tais valores fossem agregados na experiência vivida no presente trabalho.

### ***Referências Bibliográficas***

BARRET, S. 1988. - **Economics guidelines for the conservation of biological diversity**. Workshop on the Economics of Sustainable. San Jose, Costa Rica, p.1-10.

CURADO, M. M de C. 2007. **Paisagismo contemporâneo: Fernando Chacel e o conceito de ecogênese**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007, 23, 58p. Dissertação (mestrado) -

Programa de Pós-Graduação em Urbanismo-PROURB - da Faculdade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

HAERSBERT, R. 2004. **O Mito da Desterritorialização**. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand. Brasil, 400p.

JUNGES, J. R. 2004. **Ética Ambiental**. São Leopoldo: Unisinos, 11-36p

MOTTA, J. A. 2001. **O Valor da Natureza economia e política dos recursos naturais**. São Paulo, Ed. Garamond. 141-146p

PELLEGRINO, P.R. M. 2000. Pode-se Planejar a Paisagem. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. **Paisagem ambiente**. São Paulo: FAUUSP, 229 p

SALGUEIRO, T.B. 2001. Paisagem e Geografia. **Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia**, Lisboa, volume 36, nº. 72, p. 37-53, 2001

SANTANA, P. V. de. 1999. A mercadoria verde: a natureza. In: DAMIANI, A. L.; CARLOS, A. F. A.; SEABRA, O. C. L. (orgs.) **O espaço no fim de século: a nova raridade**. São Paulo, Contexto.

SANTOS, M. 2002. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 384 p.

SIQUEIRA, J. C. 2002. **Educação Ambiental e Arborização Urbana**. Pesquisa, Botânica 52: 241-248p

SIQUEIRA, J. C. 2005. **Os Desafios de uma Fitogeografia Urbana**. Pesquisa, Botânica 56: 229-237p.

SIQUEIRA, J. C.; PINHEIRO, A. P. 2007. A visão integradora da realidade socioambiental: reeducação para o holos. In: Áurea da Paz Pinheiro. (Org.). **Paisagens educativas: saberes, experiências e práticas**. 1 ed. Teresina: Halley S.A. Gráfica e Editora, v. 1, p. 01-242.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. Sobre o debate em torno das questões ambientais e sociais no urbano. In: CARLOS, A. F. A.; LEMOS A. I. G. (*orgs.*) **Dilemas Urbanos: Novas abordagens sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2003.